

**O quadro perdido: a busca de uma obra-prima de Caravaggio. Jonathan Harr. Tradução Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. 289 p. ISBN 85-98078-12-3.**

Vera Siqueira\*

---

No mundo das artes é especialmente relevante a questão do destino de algumas das obras-primas do patrimônio da humanidade. Como exemplo, podemos citar a tela “A prisão de Cristo”: pintada por Caravaggio em 1602, a obra permaneceu ignorada até 1990, quando, após uma série de pesquisas e muitas peripécias, foi finalmente encontrada.

Esse é o tema central do livro “O quadro perdido”, do jornalista americano Jonathan Harr que, em 1994, já havia escrito um artigo sobre o assunto para a revista *New Yorker*. Mais tarde, ao aprofundar sua pesquisa, o autor viaja à Itália, aprende italiano, e se dispõe a traçar um relato muito bem fundamentado, com base em documentos e entrevistas, sem omitir os nomes reais dos personagens da sua trama. Assim, além de traçar o histórico das compras e vendas desse quadro, Harr desvenda neste livro algumas técnicas utilizadas por Caravaggio na elaboração de suas telas, que incluem peculiaridades do estilo do mestre e permitem distinguir um original de uma cópia. O autor também aborda o estrago que o tempo causa nas telas, os dilemas de um restaurador, as etapas minuciosas de um trabalho de restauro, e os trâmites burocráticos para empréstimos de obras de arte entre instituições. Mas Harr destaca, principalmente, a importância do trabalho de pesquisa feito, com muita dedicação, por uma historiadora da arte. A estrutura do livro, montada basicamente em torno de três personagens, faz o leitor viajar por lugares como a Roma do Seiscentos e a Roma atual, a costa do Adriático, Londres e, finalmente, Dublin.

O primeiro dos personagens dessa trama é o circunspeto *sir* Denis Mahon, considerado a maior autoridade mundial em Caravaggio. Rival do conceituado crítico italiano Roberto Longhi, com quem teve chance de travar calorosas polêmicas, Mahon está habituado a percorrer, de lupa em punho e sempre de “nariz colado à

tela”, craquelês, abrasões e perdas de camadas pictóricas. Para ele, com seu notável olho clínico, uma tela é como uma janela no tempo, de onde é possível penetrar na mente de um artista. No caso de Caravaggio, trata-se da mente de um gênio.

Michelangelo Merisi (1571-1610), mais conhecido como Caravaggio, foi um artista fascinante. De temperamento instável, levou vida desregrada, permeada de privações, registros policiais e fugas, morrendo proscrito e em circunstâncias estranhas. Esse artista italiano do Seiscentos, que passou do anonimato à fama graças à proteção de um rico cardeal, produziu obras de grande porte sob encomenda, sobretudo para igrejas, e também obras menores para clientes ricos. Caravaggio trabalhou de forma espontânea e, ao que tudo indica, reproduzindo algumas de suas telas, o que tem gerado polêmicas sobre a questão da autenticidade. O uso que fez do contraste claro e escuro influenciou decisivamente artistas como Vermeer e Rembrandt.

O segundo personagem, ao qual o autor dedica a maior parte do livro, é Francesca Cappelletti, estudante de pós-graduação em Arte, a serviço do ambicioso projeto do pesquisador Giampaolo Correale, cujo objetivo é a criação de um banco de dados para a arte italiana. Ao iniciar, com o auxílio de uma colega, um estudo comparativo entre duas telas idênticas de São João atribuídas a Caravaggio, Francesca busca subsídios em bibliotecas e diferentes arquivos, sobretudo de antigas famílias da nobreza. No entanto, essa pesquisa acaba gerando uma outra, desta vez sobre “A prisão de Cristo”, uma das telas mais copiadas de Caravaggio, então desaparecida, cuja trajetória de mais de trezentos anos leva a jovem a percorrer um verdadeiro labirinto documental, que inclui sucessivos inventários, maços de cartas, recibos e livros contábeis, sempre em busca de “um fato real, uma data, um contrato”.

O terceiro personagem é Sergio Benedetti, um restaurador italiano frustrado com sua vida profissional. Atuando há algum tempo na National Gallery da Irlanda, é ele que procede à limpeza e reentelamento de uma versão do quadro “A prisão de Cristo”. Encontrada por acaso em uma residência jesuíta vizinha à Galeria, a tela representa o exato momento em que Cristo, após receber o beijo de Judas, é levado por soldados romanos. Afeito a manusear pincéis, solventes e tintas, sempre às

voltas com vernizes escurecidos, rasgões, descolamentos e infestações de fungos, ao desvendar as pinceladas e pentimentos da tela, Benedetti intui ser esta uma obra de Caravaggio, por quem nutre intensa admiração. Daí seu entusiasmo em reunir documentos, ler artigos e viajar em busca de informações que confirmem seu prognóstico.

Ao final, o autor ainda revela algumas surpresas, entre as quais os desdobramentos do encontro de uma outra versão do quadro “A prisão de Cristo”, desta vez em solo romano. No entanto, ao suscitar uma série de reflexões relativas à pesquisa, autenticação e conservação de obras de arte, Jonathan Harr vai mais além: ele explicita o papel que desempenham os diferentes técnicos em seu trabalho cotidiano de salvaguarda do patrimônio cultural, motivo de dedicação e prazer, mas também de vicissitudes, devido às vaidades e rivalidades presentes nas relações profissionais.

Por tudo isso, e por estar perpassado pelo chamado “mal de Caravaggio”, ou seja, esse frenesi, essa paixão que contagia os estudiosos que se dedicam a pesquisar a vida e a obra do mestre italiano, “O quadro perdido” é leitura aconselhável, não só a museólogos, historiadores da arte, conservadores, arquivistas e restauradores, mas também ao grande público, que certamente se deliciará com essa narrativa viva e original, à qual não faltam pitadas de humor, romance e suspense.

---

### **Referências Bibliográficas**

HARR, Jonathan. *O quadro perdido: a busca de uma obra-prima de Caravaggio*. Tradução Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

\* Museóloga graduada pela Unirio. Mestre em educação pela UnB.